

# ESAÚ E JACÓ

Machado de Assis



*Apresentação*

PAULO FRANCHETTI

*Estabelecimento de Texto e Notas*

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.

Æ

Ateliê Editorial

## ∞ Sumário ∞

A Edição Ateliê de <i>Esau e Jacó</i> – José de Paula Ramos Jr. . . .	13
Machado de Assis, <i>Esau e Jacó</i> e o Realismo – <i>Paulo Franchetti</i> . . . . .	17

### ESAÚ E JACÓ

Advertência . . . . .	97
I. Cousas Futuras! . . . . .	101
II. Melhor de Descer que de Subir . . . . .	108
III. A Esmola da Felicidade . . . . .	110
IV. A Missa do Cupê . . . . .	113
v. Há Contradições Explicáveis . . . . .	117
VI. Maternidade . . . . .	118
VII. Gestaçã . . . . .	122
VIII. Nem Casal, Nem General . . . . .	125
IX. Vista de Palácio . . . . .	130
X. O Juramento . . . . .	133
XI. Um Caso Único! . . . . .	137
XII. Esse Aires . . . . .	139
XIII. A Epígrafe . . . . .	143
XIV. A Lição do Discípulo . . . . .	144
XV. <i>Teste David cum Sibylla</i> . . . . .	146

xvi. Paternalismo . . . . .	150
xvii. Tudo o que Restrinjo . . . . .	151
xviii. De Como Vieram Crescendo. . . . .	153
xix. Apenas Duas. – Quarenta Anos. – Terceira Causa . . . . .	157
xx. A Joia. . . . .	161
xxi. Um Ponto Escuro. . . . .	165
xxii. Agora um Salto . . . . .	166
xxiii. Quando Tiverem Barbas. . . . .	167
xxiv. Robespierre e Luís XVI. . . . .	171
xxv. Dom Miguel . . . . .	175
xxvi. A Luta dos Retratos . . . . .	176
xxvii. De uma Reflexão Intempestiva. . . . .	180
xxviii. O Resto É Certo. . . . .	182
xxix. A Pessoa Mais Moça . . . . .	183
xxx. A Gente Batista . . . . .	184
xxxi. Flora. . . . .	188
xxxii. O Aposentado. . . . .	191
xxxiii. A Solidão Também Cansa . . . . .	195
xxxiv. Inexplicável. . . . .	196
xxxv. Em Volta da Moça . . . . .	198
xxxvi. A Discórdia Não É Tão Feia Como se Pinta . . . . .	201
xxxvii. Desacordo no Acordo . . . . .	204
xxxviii. Chegada a Propósito . . . . .	206
xxxix. Um Gatuno. . . . .	211
xl. <i>Recuerdos</i> . . . . .	215
xli. Caso do Burro . . . . .	217
xlII. Uma Hipótese . . . . .	219
xlIII. O Discurso . . . . .	220
xlIV. O Salmão . . . . .	223
xlV. Musa, Canta... . . . .	227

XLVI. Entre um Ato e Outro . . . . .	229
XLVII. São Mateus, IV, 1-10 . . . . .	230
XLVIII. Terpsícore . . . . .	236
XLIX. Tabuleta Velha . . . . .	243
L. O Tinteiro de Evaristo . . . . .	246
LI. Aqui Presente. . . . .	250
LII. Um Segredo . . . . .	253
LIII. De Confidências . . . . .	257
LIV. Enfim, Só! . . . . .	263
LV. “A Mulher É a Desolação do Homem” . . . . .	264
LVI. O Golpe . . . . .	266
LVII. Das Encomendas . . . . .	268
LVIII. Matar Saudades . . . . .	272
LIX. Noite de 14 . . . . .	274
LX. Manhã de 15 . . . . .	278
LXI. Lendo Xenofonte . . . . .	282
LXII. “Pare no D.” . . . . .	284
LXIII. Tabuleta Nova. . . . .	287
LXIV. Paz! . . . . .	292
LXV. Entre os Filhos . . . . .	295
LXVI. O Basto e a Espadilha . . . . .	298
LXVII. A Noite Inteira. . . . .	299
LXVIII. De Manhã! . . . . .	303
LXIX. Ao Piano . . . . .	304
LXX. De uma Conclusão Errada . . . . .	307
LXXI. A Comissão. . . . .	311
LXXII. O Regresso. . . . .	313
LXXIII. Um Eldorado . . . . .	317
LXXIV. A Alusão do Texto . . . . .	321
LXXV. Provérbio Errado . . . . .	325

LXXVI. Talvez Fosse a Mesma! . . . . .	326
LXXVII. Hospedagem . . . . .	328
LXXVIII. Visita ao Marechal. . . . .	330
LXXIX. Fusão, Difusão, Confusão... . . . .	333
LXXX. Transfusão, Enfim . . . . .	335
LXXXI. Ai, Duas Almas... . . . .	337
LXXXII. Em São Clemente . . . . .	340
LXXXIII. A Grande Noite . . . . .	342
LXXXIV. O Velho Segredo . . . . .	347
LXXXV. Três Constituições. . . . .	350
LXXXVI. Antes que Me Esqueça . . . . .	352
LXXXVII. Entre Aires e Flora. . . . .	354
LXXXVIII. Não, Não, Não. . . . .	357
LXXXIX. O Dragão . . . . .	358
XC. O Ajuste. . . . .	360
XCI. Nem Só a Verdade se Deve às Mães. . . . .	364
XCII. Segredo Acordado. . . . .	368
XCIII. Não Ata nem Desata . . . . .	371
XCIV. Gestos Opostos. . . . .	374
XCV. O Terceiro . . . . .	376
XCVI. Retraimento . . . . .	380
XCVII. Um Cristo Particular . . . . .	381
XCVIII. O Médico Aires . . . . .	383
XCIX. A Título de Ares Novos. . . . .	386
C. Duas Cabeças . . . . .	388
CI. O Caso Embrulhado. . . . .	390
CII. Visão Pede Meia Sombra . . . . .	392
CIII. O Quarto . . . . .	393
CIV. A Resposta . . . . .	398
CV. A Realidade. . . . .	400

CVI. Ambos Quais? . . . . .	403
CVII. Estado de Sítio . . . . .	407
CVIII. Velhas Cerimônias. . . . .	408
CIX. Ao Pé da Cova. . . . .	410
CX. Que Voa . . . . .	412
CXI. Um Resumo de Esperanças. . . . .	414
CXII. O Primeiro Mês. . . . .	416
CXIII. Uma Beatriz para Dous. . . . .	419
CXIV. Consultório e Banca. . . . .	420
CXV. Troca de Opiniões. . . . .	422
CXVI. De Regresso . . . . .	425
CXVII. Posse das Cadeiras . . . . .	427
CXVIII. Cousas Passadas, Cousas Futuras . . . . .	430
CXIX. Que Anuncia os Seguintes . . . . .	432
CXX. Penúltimo. . . . .	433
CXXI. Último . . . . .	436



## ∞ A Edição Ateliê de *Esau e Jacó* ∞

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.<sup>1</sup>

Obter segunda edição no mesmo ano do lançamento da primeira é façanha rara para uma obra literária do século XXI, que se aproxima de sua segunda década. Surpreendente é que isso tenha ocorrido com um romance brasileiro, em 1904. Tal feito se deve ao romance *Esau e Jacó*, o penúltimo de Machado de Assis. Nesse ano, a editora H. Garnier deu a público duas edições de *Esau e Jacó*.

Examinadas e comparadas de perto, nota-se que a segunda edição da obra vem a ser, na verdade, uma reimpressão da edição príncipe. Foram utilizadas as mesmas matrizes tipográficas para as duas “edições” de 1904. Evidentemente, há algumas diferenças, que distinguem tais “edições”. Por exemplo, a folha de rosto ou frontispício. Em uma delas se estampa “2ª edição”. No entanto, percebe-se que o formato do livro (o seu *design*) é o mesmo nas duas edições de 1904, assim como a paginação é a mesma, bem como a família tipográfica, o tamanho e o espaçamento dos caracteres, os erros etc.

O texto da segunda edição (H. Garnier, 1904) serviu de base para esta que se apresenta ao leitor e se oferece como fidedigna. Para isso, além da edição príncipe, o texto de base foi também cotejado com o estabelecido e anotado por

1. Doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP. Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Autor de *Leituras de Macunaima: Primeira Onda (1928-1936)*, São Paulo, Edusp/Fapesp, 2012.



Adriano da Gama Kury (Livraria Garnier/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988), o preparado por J. Galante de Sousa (Nova Aguilar, 1977) e o texto da edição crítica, elaborada pela Comissão Machado de Assis (2ª. ed., Editora Civilização Brasileira/Instituto Nacional do Livro, 1977).

Para esta edição, o texto foi modernizado segundo o Acordo Ortográfico de 1990. Além disso, foram adotados os seguintes critérios editoriais:

Mantiveram-se as formas “dous”, para o numeral, e “cousã”, para o substantivo, pois permanecem dicionarizadas e são sempre utilizadas assim no texto, em vez de “dois” e “coisa”, atualmente mais usadas.

A grafia “porquê” usada como expressão interrogativa posicionada no final de orações, seguidas por um sinal de pontuação (vírgula, interrogação, ponto final etc.) foi substituída pela forma “por quê”.

A apresentação material do discurso citado foi graficamente normalizada: o travessão introduz a fala das personagens, principalmente quando há interlocução, e assinala a passagem do discurso direto de uma personagem para a elocução do narrador.

Locativos são usados em caixa-baixa (rua, travessa, largo, morro, praia etc.), exceto quando deixam de ser meros locativos para se integrarem à designação, com valor de nome próprio, casos em que são grafados em caixa-alta e baixa: Rua do Ouvidor; Travessa de São Francisco; Largo da Lapa; Morro do Castelo; Praia de Botafogo etc.

Caixa-alta inicial para os vocábulos “Sol” e “Lua”, sempre que se referirem aos respectivos corpos celestes.

Desdobramento de abreviaturas: S. José/São José; V. Ex./Vossa Excelência; Sr./senhor; D./dona. A abreviatura “D.”, intitiativa, poderá, conforme o contexto, ser desdobrada

para “dom”, em caixa-baixa, ou “Dom”, em caixa-alta e baixa, quando se integrarem ao nome próprio como se fizesse parte dele. Por exemplo: Dom Pedro II.

Palavras estrangeiras, grafadas em itálico no texto de base, são substituídas por vocábulos portugueses já dicionarizados, em caracteres redondos: *club*/clube; *coupé*/cupê; *lords*/lordes; *restaurant*/restaurante; *leader*/líder.

Correção de erros: concorrência/concorrência; razia/Trazia; os destino/os destinos; gueres/queres; degradado/degradado; ábuas novas/tábuas novas; ele je não está/ele já não está; Peidro/Pedro; deixaria/deixaria; vá, o mas ambos/vá, mas ambos; parentes amigos/parentes e amigos; joven/jovem; orta do terceiro reinado/porta do terceiro reinado; não deixavam bascar nada/não deixavam buscar nada; as mariposas e as ratos/as mariposas e os ratos; da um velho café/de um velho café; constituição. melhor/constituição, melhor; Uma vitória da Santos/Uma vitória de Santos; baixo-relevos/baixos-relevos; vagorosamente/vagarosamente; ouvir uma voz de fora ou de alto/ouvir uma voz de fora ou do alto; Não volta/Na volta; aqueles bons judeus, que a gente queimou mais tarde, e agora empresta [...] /aqueles bons judeus, que a gente queimou mais tarde, e agora emprestam [...] etc.

Preserva-se a pontuação autoral, mas com intervenções discretas, especialmente no regime de vírgulas, que passa a observar o atual critério sintático quando necessário.

Palavras, expressões ou frases em língua estrangeira são traduzidas em notas de rodapé. Além dessas, notas lexicais (para termos menos comuns), geográficas, históricas, mitológicas, referências bíblicas, literárias, artísticas e culturais têm o intuito de informar, sobretudo, o leitor em formação.